



“E ao grande público precisamos nos dirigir”: historiadores e jornalistas em revistas de divulgação histórica \*

FERNANDO PERLI \*\*

Este texto resulta de uma série de atividades de pesquisa que foram realizadas em Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGH/UFRJ), entre os meses finais de 2016 e o primeiro semestre de 2017, sob a preciosa supervisão da professora Marieta de Moraes Ferreira e o importante apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Como parte integrante do projeto de pesquisa intitulado “A divulgação histórica ‘ocupou as calçadas’: o acadêmico, o ensino e o público em revistas de história”, o plano de trabalho propôs analisar a divulgação histórica nas revistas *Aventuras na História* (2003), *História Viva* (2003), *Nossa História* (2003) e *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005), considerando as representações produzidas sobre a história acadêmica, o ensino de história e a publicização do conhecimento histórico. O olhar sobre as revistas definiu-se a partir da importância e das limitações da produção e da circulação da história num contexto em que se denominou de “boom de revistas de divulgação histórica no Brasil”. Atualmente, o projeto de pesquisa está cadastrado no Sistema de Informação e Gestão de Projetos da Universidade Federal da Grande Dourados (SIGPROJ/UFGD) com uma perspectiva que compreende vários aspectos das revistas de divulgação histórica produzidas no Brasil nos últimos anos.

O presente trabalho propõe apresentar, embora em sua brevidade, algumas implicações e caminhos que se vislumbraram na pesquisa a partir do mapeamento e análise inicial de uma densa quantia de revistas de história de ampla circulação no Brasil. Foi apresentado no Simpósio Temático “Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX”, sob coordenação das professoras Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa) e Tania Regina de Luca (Unesp), no “XXIX Simpósio Nacional de História – Contra os

---

\* Este texto ampara-se em pesquisa realizada em Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, que concedeu bolsa de estudo de Pós-doutorado Sênior.

\*\* Professor Adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no curso de graduação e no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFGD). Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis).



preconceitos: história e democracia”, realizado no final do mês de julho de 2017, na Universidade de Brasília (UnB),

Como propósitos iniciais da pesquisa, o mapeamento e análise geral das revistas possibilitaram perceber que um aparente campo de produção marcado pela escassez e dificuldades de encontro das fontes transformou-se numa tarefa complexa ao se identificar uma variedade de congêneres no Brasil e em vários países da Europa e da América.

As revistas de história de ampla circulação produzidas no Brasil após 2003 foram mapeadas, num primeiro momento, para compor o corpo documental da pesquisa. O contato com colecionadores, o acesso ao arquivo da Biblioteca Nacional e a pesquisa em sites de busca, venda e compra, possibilitaram o encontro de centenas de exemplares que desenharam uma análise empírica dos projetos editoriais que abrangeu editoras, editores, produtores, colaboradores, composições, conteúdos e representações da história, o que lança perspectivas de pesquisas num extenso material.

Das revistas propostas para análise no projeto de pesquisa, a *Aventuras na História*, publicada originalmente pela Editora Abril a partir da revista *Super Interessante* e, mais recentemente, adquirida pela Editora Caras, foi a mais encontrada devido o tempo de publicação entre as edições nº 1 de julho de 2003 e nº 160 de outubro de 2016. No total, conseguimos agregar à pesquisa, até o momento, 141 edições da *Aventuras*. A revista *História Viva*, publicada a partir de novembro de 2003 pelas editoras Duetto e Ediouro, conhecida no mercado editorial pela parceria firmada com a tradicional revista francesa *Historia*, teve 137 edições publicadas até março de 2015 e, deste total, foram encontradas e arregimentadas 114 edições à documentação para análise. A *Nossa História*, nascida de um projeto da Editora Vera Cruz em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), teve 38 edições entre novembro de 2003 e dezembro de 2006, sendo encontradas 27 edições. A parceria que permitiu a publicação da *Nossa História* manteve-se por um ano e meio, até a edição nº 17. Em maio de 2005, o Conselho de Pesquisa da Biblioteca Nacional, composto por historiadores atuantes em universidades brasileiras, formou o Conselho Editorial da *Revista de História da Biblioteca Nacional* (RHBN), que teve seu primeiro número publicado em julho de 2005. Entre as edições nº 1 e nº 124, publicada em julho de 2016, agregou-se a pesquisa 103 edições.

Embora estas publicações tenham sido consideradas a base de análise do projeto de pesquisa, ao longo do mapeamento, outras revistas do segmento editorial foram encontradas, como as publicadas pela Editora Escala, a *Desvendando a História* (2004) e a *Leituras da História* (2007), esta última, alcançando 103 edições até 2016. Além disso, inclui-se a *História*



*em Curso* (2011), publicada pela Editora Minuano e conhecida pelos “números temáticos com ênfase na história contemporânea” (FONSECA, 2016: 190).

A constatação de um número mais expressivo de projetos editoriais do gênero permitiu um diálogo mais abrangente com diferentes estilos de revistas de divulgação histórica no cenário brasileiro e instigou um mapeamento de produções em outros países. A partir de uma análise preliminar, algumas questões orientaram a busca de publicações congêneres. Qual o lugar ocupado pelas revistas de divulgação histórica brasileiras no contexto de produção de outros países? Quais os limites e implicações do que se considerou o “boom de revistas de divulgação histórica no Brasil” à luz das experiências estrangeiras? O que pode ser considerada a experiência brasileira num conjunto mais amplo de publicações de revistas de divulgação histórica?

O critério adotado foi identificar revistas produzidas por jornalistas, historiadores e outros profissionais engajados na difusão da história ou que apresentassem leituras do passado com finalidades e funções sociais diversas, como publicações com forte apelo comercial, com objetivos de divulgação da produção histórica acadêmica ou alinhadas a projetos políticos e nacionalistas. Como resultado, contaram-se às centenas, aqui identificadas, pelo menos, 135 revistas em 16 países.

Pelo que se constatou preliminarmente, no campo de produção de revistas de ampla circulação, ainda de maneira tímida, parece se avistar estudos que apontam, pelo menos, duas categorias dessas publicações. Algumas, dentre as mais antigas, se projetaram no segmento de revistas com temáticas de história, tendo o suporte de editoras e de grupos econômicos interessados no negócio. Suas composições, em grande parte, resultam do envolvimento de editores jornalistas e colaboradores com formação em comunicação social e história, dispensam conselhos editoriais ou científicos e objetivam a publicação do que se convencionou denominar “reportagens de história” articuladas com ilustrações diversas. Outras, idealizadas a partir de demandas que surgiram do ambiente acadêmico para divulgar a história para públicos mais amplos, contaram com o engajamento de editores e colaboradores da história e de outras áreas de conhecimento, tendo em suas estruturas de produção conselhos editoriais e consultivos compostos por especialistas, publicando artigos e imagens de fontes.

Apesar de uma categorização própria do amadurecimento de um tema incipiente para os historiadores, muitas implicações demarcam os debates de divulgação histórica. Dentre elas, como definir divulgação científica através de revistas de história de ampla circulação que se aproximam ou se distanciam dos propósitos acadêmicos? É possível tratar as revistas de



divulgação histórica, produzidas pelo crivo dos historiadores ou pela criatividade dos jornalistas para alcançar o público leigo, como publicações de divulgação científica?

Diante destas indagações e do vasto material que foi analisado, algumas possibilidades de pesquisa se vislumbraram. Uma, ganhou atenção quando, ao vasculhar as seções das revistas para compreender as propostas dos projetos editoriais para o ensino de história, tendo em vista que muitas destas publicações alcançaram escolas, professores e estudantes, constatou-se que apenas as revistas que tiveram uma relação com a Biblioteca Nacional, num primeiro momento, a *Nossa História* e, num segundo, a *RHBN*, mantiveram ao longo dos anos seções dedicadas ao ensino de história. A princípio, no projeto da *Nossa História*, a seção foi denominada *Ensino*, mantendo-se nas primeiras edições da *RHBN* e, posteriormente, nomeada *Educação*. Além da dedicação às temáticas do ensino de história que muito cresceram no debate historiográfico brasileiro nos últimos anos, a *RHBN* idealizou projetos que alcançaram as escolas de educação básica, como o *Encarte do Professor*, um projeto que produziu e direcionou 24 encartes entre janeiro de 2010 e dezembro de 2011 para centena de milhares de escolas de ensino fundamental e médio no Brasil.

A preocupação em divulgar a produção acadêmica na *Revista de História da Biblioteca Nacional* estendeu-se para o oferecimento de alternativas de ensino para os professores de História. Esta postura instiga analisar a revista a partir de sua dedicação e perspectivas lançadas ao ensino de história, considerando os aportes que se faz entre o acadêmico e o ensino.

O conteúdo, a composição, as seções, a produção e a divulgação de experiências pedagógicas demonstram o forte vínculo que a *RHBN* estabeleceu entre a história acadêmica – constituída por professores, pesquisadores e estudantes de História – e diversos espaços de circularidade de informações, seja através da revista ou, em casos mais específicos, da abertura de um Fórum de História do Brasil no *Portal do Professor*, disponibilizado pelo MEC, para debater a aplicação do *Encarte do Professor* (*RHBN*, nº 52, 2010).

Tais experiências permitem constatar que o envolvimento de historiadores com o ensino constituiu uma produção em que se situaram profissionais da história e da educação num campo de fronteiras. Além das relações entre historiadores e pedagogos que configurou um espaço dedicado ao ensino de história nas edições da *RHBN*, a partir do conjunto de revistas pesquisadas e de meios de comunicação que trataram da divulgação histórica no Brasil, foi possível identificar um debate sobre a “escrita da história” que envolveu historiadores e jornalistas, ainda que tratado neste texto de maneira sucinta.



Um dos trabalhos que marcou a discussão na transição dos séculos XX e XXI no Brasil foi o de José Murilo de Carvalho, por tratar da questão nos círculos acadêmicos e participar de revistas de divulgação histórica, como a *Nossa História* e a *RHBN*, na condição de integrante dos conselhos editoriais, escritor e recorrentemente entrevistado. Em março de 1997, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em Aula Inaugural no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), antes publicada como artigo e posteriormente como a conclusão intitulada “O historiador às vésperas do terceiro milênio” do livro “Pontos e bordados: escritos de história e política” (1998), Carvalho ponderou sobre a natureza da escrita e do ensino de história.

Anos depois, em 2003, na edição nº 1 da *Nossa História*, na seção *Nosso Historiador*, Carvalho trouxe os problemas da escrita, do ensino e da popularização da história. Ocupando os historiadores um papel importante para fazer a história alcançar o grande público, o artigo se referiu ao médico e botânico bávaro Karl Friedrich Philipp von Martius pela apresentação do estudo “Como se deve escrever a História do Brasil” ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Com o sugestivo título “Martius e Nossa História”, numa referência às relações despontadas entre os desejos do naturalista de escrever para o povo no século XIX e os desafios da escrita da história com o surgimento da revista no início do século XXI, o texto tratou da forma sugerida por Martius para escrever nossa história em estilo popular, longe de uma linguagem empolada, livre de sobrecargas de erudição e citações estéreis. Para Carvalho,

O estilo empolado e pedregoso dos historiadores pode justificar-se quando escrevemos para nós mesmos, não quando nos dirigimos ao grande público. E ao grande público precisamos nos dirigir. Escrever história é tentar entender o país, e entender o país é parte do esforço para sua contribuição. O escritor da história precisa do seu leitor, parceiro indispensável em fazer a história. Segue-se que precisa ser capaz de se comunicar com o grande público, sem abrir mão, bem entendido, da qualidade e da seriedade do seu trabalho (NOSSA HISTÓRIA, nº 1, 2003: 96).

As observações de Carvalho parecem fazer parte de um cenário em que historiadores debateram os altos índices de venda de livros de abordagem histórica escrita por jornalistas. Fernando Morais, Eduardo Bueno, Laurentino Gomes, Elio Gaspari e Lira Neto, despertaram curiosidades em historiadores sobre a “escrita da história” por jornalistas. O interesse pelo assunto gerou críticas contundentes em defesa do campo e do ofício dos historiadores, embora tenha predominado uma postura de conciliação em que jornalistas deveriam aprender a escrever



com critérios mais rigorosos de investigação e os historiadores com a comunicação social a facilidade da escrita para um público mais amplo.

Alguns historiadores, ao serem questionados sobre a relação na produção da “escrita da história” se situaram pela defesa do diálogo entre as áreas e a distinção necessária entre o que produzem os historiadores e os jornalistas sobre história. Em matéria publicada pela Revista do IPEA – Desafios do desenvolvimento, nº 75, que tratou da história escrita por jornalistas, alguns profissionais foram entrevistados para opinar sobre o “nicho no mercado editorial” aberto pelo “sucesso de livros e revistas sobre história do Brasil”. Marcos Silva, professor de História da Universidade de São Paulo (USP), defendeu acabar com os preconceitos e fazer um diálogo necessário. Para ele:

Os jornalistas devem levar os historiadores a desenvolver oratória e escrita mais acessível ao grande público, enquanto os acadêmicos de formação metódica podem auxiliar os formados em Comunicação Social em relação aos processos e procedimentos da pesquisa histórica (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012: 54).

O diálogo entre profissionais da história e do jornalismo, como forma de fazer as duas áreas avançarem na conquista de públicos mais amplos e no rigor metodológico das pesquisas, retratou o que muitos historiadores defenderam diante do crescimento de produções de história de ampla circulação, notadamente, com a presença de jornalistas. Conquanto Silva entendesse a importância da relação em benefício das áreas, não descartava a pertinência da separação dos dois ofícios quando o problema fosse o trato das fontes e da escrita da história.

Na mesma revista, a professora de História da América Independente da USP, Maria Ligia Coelho Prado, ao propor a delimitação, afirmou que o “historiador tem uma preocupação muito estabelecida com o tempo e o espaço”, pois o ofício de quem escreve a história acadêmica tem pré-requisitos, como a necessidade de explicitação de fontes, do detalhamento de notas de rodapé e dos diálogos com a bibliografia (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012: 52).

Um trabalho que se preocupe com tudo isso será mais difícil de ser lido do que a produção de um jornalista. Não que este não tenha qualidade. Mas o compromisso do jornalista com a história é diferente. (...) Para mim é óbvio que esse trabalho do jornalista vai ter mais apelo e maior facilidade para chegar ao grande público do que a pesquisa de um acadêmico preocupado com tantas questões que envolvem seu próprio ofício (CAMPREGHERE; LIPPE, 2012: 52-53).



A diferença do compromisso com a escrita da história apontada por Prado, pode ser percebida a partir dos projetos editoriais de revistas de divulgação histórica no Brasil durante os últimos anos. Os perfis das publicações analisadas demonstram muitas distinções. Dentre as principais, pode-se considerar que temos em dois extremos a *Aventuras na História* e a *RHBN*, por representarem projetos em que se destacaram em suas produções, respectivamente, jornalistas e historiadores. Por sua vez, a *História Viva* ocupou um lugar intermediário com uma proposta mais conciliadora de colaboradores das áreas de comunicação social e história.

Ao apostar em “reportagens de história” para conquistar um público-leitor, a *Aventuras na História* conciliou ao longo dos anos textos, em sua maioria, escritos por jornalistas, que tomaram como referências produções de diversas áreas e ilustrações de personagens que flertaram com a ficção. Na edição nº 1, o editor jornalista Celso Miranda, ao tratar a história como “uma nave espacial”, demonstrou muito do que viria pela frente:

Apertem os cintos! Vamos começar uma viagem. Uma aventura sem limites no espaço e no tempo (...) conhecer pessoas incríveis: bruxos, assassinos, semideuses e traidores. (...) A história não é o passar do tempo. Não é o que ficou para trás. Não há como entrar para a história. Nem como sair dela. A história é uma nave espacial, que nos conduzirá nessa viagem e pode nos levar para onde quisermos ir (*AVENTURAS NA HISTÓRIA*, n. 1, 2003).

A história entendida como uma viagem cheia de aventuras retratou um estilo muito característico da revista no mercado editorial brasileiro, considerada por seus produtores a “mais divertida, interessante, informativa e relevante, a melhor” para os que gostam de história (*Aventuras na História*, n. 8, 2004). O tom de conciliação da revista *História Viva* pode ser percebido em seu lançamento, quando o editor jornalista Alfredo Nastari, em conversa com internautas pelo *Bate Papo UOL*, explicou que o “imenso público” estava “à espera de informação fundamentada”, o que justificava “uma revista de divulgação científica da ciência historiográfica, (...) escrita por jornalistas, como se fossem boas reportagens, mas a partir de pesquisas acadêmicas e de conteúdo comprovado” (*UOL*, 03/11/2003).

Com uma proposta mais voltada para a divulgação de textos escritos por pesquisadores de História, a *RHBN*, originada de uma dissidência do Conselho Editorial da *Nossa História*, editada pela Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional (Sabin), contou com um seleto grupo de historiadores em seu Conselho de Pesquisa, representando um dos projetos mais ousados de divulgação histórica da produção acadêmica brasileira. Em sua composição, artigos escritos por historiadores foram publicados visando um público de leitores mais amplo, o que gerou



questionamento de colaboradores em decorrência das interferências dos redatores nos textos. Como resultado, os leitores tiveram acesso a uma revista que conciliou textos de especialistas com ricas imagens de fontes históricas da Biblioteca Nacional.

Em inúmeras entrevistas que concedeu aos interessados para tratar da *RHBN* e do contexto de crescimento de projetos de divulgação histórica, o editor Luciano Figueiredo, professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), não se absteve de analisar a relação entre historiadores e jornalistas na produção da escrita da história. Para ele:

É uma convivência carregada de tensões, mas necessária. Ela se desdobra em situações as mais diversas e aqui tratarei do jornalismo autoral e impresso. Jornalistas habitualmente escrevem sobre história para o público não especializado, embalados por um aguçado senso de oportunidade e gosto por episódios e personagens do passado. Publicam sem o fardo do respeito aos pressupostos teóricos e metodológicos da disciplina, apesar de frequentarem os arquivos e bibliotecas e muitas vezes percorrerem a bibliografia sobre o tema. Às vezes agradam o público e raro são os que não ferem princípios que os historiadores julgam importantes: elegem nuances que nem sempre tem qualquer representatividade, apelam ao pitoresco, além de cometerem anacronismos. (...) Bons textos jornalísticos mobilizam humor, valorizam informações capazes de provocar a sensibilidade do leitor (...). Os historiadores podem se beneficiar da boa, ritmada e irresistível narrativa (RIBEIRO; AMOROSO, 2010: 96-97).

Deve-se convir que as revistas de história de ampla circulação, assim como revistas que tratam de uma variedade de assuntos em diferentes áreas de conhecimento, são “empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que as tornam projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretendem difundir a partir da palavra escrita” (LUCA, 2015: 140). Nunca é demais acrescentar que, embora os projetos e empreendimentos de revistas de história de ampla circulação produzam e, ao mesmo tempo, resultam de lugares de sociabilidades através do engajamento de historiadores, jornalistas e inúmeros outros profissionais, o ambiente desses periódicos foi marcado pela “sombra de conflito” inevitável entre profissionais formados pelos critérios de escrita e de métodos, como apontado pela escritora e crítica literária Beatriz Sarlo. Em matéria publicada no diário *La Nación*, nas disputas entre a história acadêmica e a história de divulgação, existe uma desconfiança:

(...) porque la historia profesional percebe que sus esfuerzos de investigación son utilizados por las historias de circulación masiva sin reconocimiento; y los





historiadores masivos también saben que lo han hecho. Como sea, la oposición es inevitable no sólo por estas razones sino porque en el imaginario del historiador profesional está el fantasma de lo que pudo ser la historia: una fuerza que desborde la academia y los especialistas para competir por las interpretaciones del pasado en la dimensión pública (SARLO, 2006).

Embora as relações entre historiadores, jornalistas e outros profissionais tenham conseguido êxito com as publicações de centenas de edições de revistas de divulgação histórica no Brasil, não se deve descartar que as tensões e sociabilidades entre os projetos editoriais num contexto de concorrência do mercado poderão ser mais bem compreendidas a partir de um trabalho empírico atento ao extenso conteúdo dos materiais impressos. O estudo detido nas materialidades e nas representações de história tecidas pelas revistas muito dirá sobre as relações, as semelhanças, as diferenças e os grupos sociais e econômicos envolvidos nas produções, demonstrando leituras da história que legitimam poderes e, ao mesmo tempo, procedimentos seletivos que evidenciam nuances da cultura histórica contemporânea.

#### Referências:

AVENTURAS NA HISTÓRIA, Revista. São Paulo, ano I, nº 1, 2003.

\_\_\_\_\_. São Paulo, ano I, nº 8, 2004.

CAMPREGHERE, Ana Luiza; LIPPE, Pedro Henrique Lutti. História contada por jornalistas. Ipea – Desafios do Desenvolvimento, Brasília, ano IX, nº 75, p. 48 – 54, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. Pontos e bordados: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. Ensino de história, mídia e história pública. In. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2015.

NASTARI, Alfredo. Bate Papo Uol. Disponível em: <http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/midia/alfredo-nastari-publisher.jhtm>. Acesso em: 15 set. 2016.

NOSSA HISTÓRIA, Revista. Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 2003.

RHBN, Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, ano VI, nº 52, 2010.

RIBEIRO, Andrea; AMOROSO, Mauro. Entrevista com Luciano Raposo de Almeida Figueiredo. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, p. 94-100, 2010.



SARLO, Beatriz. Historia acadêmica v. historia de divulgação. In. La Nación, 22/01/2006.

Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/773981-historia-academica-v-historia-de-divulgacion>. Acesso em: 13 abr. 2015